

Primeira Noite

Estava uma noite maravilhosa, uma dessas noites que só podem acontecer quando somos jovens, amável leitor. Estava um céu tão estrelado, um céu tão claro, que ao olhá-lo tínhamos por força de perguntar a nós mesmos: como é possível que sob um céu como este possam viver algumas pessoas irritadas e caprichosas? Esta, amável leitor, é também uma pergunta de jovem, muito jovem, mas que Deus vo-la coloque na alma com mais frequência!... Ao falar de senhores caprichosos e irritados, não podia deixar de me lembrar do meu bom comportamento em todo este dia. Logo de manhã começou a atormentar-me uma certa tristeza surpreendente. Pareceu-me de súbito que todos me deixavam sozinho, que todos me abandonavam. Qualquer um tem por certo o direito de perguntar: mas quem são esses *todos*? Porque há já quase oito anos que vivo em Petersburgo e quase não consegui travar conhecimento com ninguém. Mas para que preciso eu de conhecidos? Mesmo sem eles conheço toda a cidade de Petersburgo; foi por isso que me pareceu que todos me abandonavam quando toda a Petersburgo se levantou e de súbito partiu para a *datcha*. Para mim era horrível ficar sozinho, e durante três dias inteiros vagueei pela cidade com uma tristeza profunda, sem perceber absolutamente nada do que se passava comigo. Quer fosse para a Avenida Névski, quer fosse para o jardim, quer caminhasse pela marginal, não encon-

trava nem uma das pessoas que estava habituado a encontrar naquele mesmo lugar à mesma hora, durante todo o ano. É claro que elas não me conhecem, mas eu conheço-as intimamente; quase lhes estudei as fisionomias — gosto de as ver quando estão alegres, e entristeço-me quando estão tristes. Quase fiz amizade com um velhote que encontro todos os dias, a certas horas, no Fontanka. Tem uma fisionomia tão séria, pensativa, sempre a murmurar e a agitar a mão esquerda, enquanto na direita segura uma longa bengala nodosa com castão dourado. Ele até reparou em mim e olha-me com sincero interesse. Se acontecer que eu não esteja àquela hora naquele mesmo lugar do Fontanka, estou seguro de que ele ficará melancólico. É essa a razão por que às vezes quase trocamos cumprimentos um com o outro, em especial quando ambos estamos bem-dispostos. Ainda recentemente, quando estivemos dois dias sem nos vermos e nos encontrámos no terceiro dia, quase levámos a mão ao chapéu, mas reconsiderámos a tempo, baixámos as mãos e passámos ao lado um do outro com simpatia. Também as casas são minhas conhecidas. Quando eu passo, cada uma delas como que avança para a rua diante de mim, olha-me com todas as janelas e por pouco não diz: «Bom dia, como vai a sua saúde? Pois eu, graças a Deus, estou bem de saúde, e no mês de Maio vão acrescentar-me um andar.» Ou: «Como vai a sua saúde? Eu amanhã vou ter obras de reparação.» Ou: «Estive quase a sofrer um incêndio e apanhei um grande susto», etc. Entre elas tenho algumas preferidas, algumas são minhas conhecidas íntimas; uma delas tenciona ser tratada por um arquiteto no próximo verão. Hei de passar por lá de propósito todos os dias, para que não a tratem de qualquer maneira, Deus a guarde!... Mas nunca hei de esquecer a história de uma bonita casa cor-de-rosa pálido. Era uma casinha tão adorável, de pedra, que olhava para mim de um modo muito afável, e fitava com tanto orgulho as suas vizinhas maljeitosas que se me alegrava o coração quando calhava passar ao lado dela. De repente, na semana passada, vou eu a passar pela rua e, assim que

olhei para essa minha amiga, ouço um grito lamentoso: «Estão a pintar-me com tinta amarela!» Malvados! Bárbaros! Não pouparam nada, nem as colunas, nem as cornijas, e a minha amiga ficou amarela como um canário. Este caso por pouco não me provocou uma crise de bÍlis, e mesmo agora ainda não sou capaz de ir ver a minha pobre amiga desfigurada, pintada com a cor do império celeste.²

O leitor compreenderá assim de que modo eu conheço toda a cidade de Petersburgo.

Já disse que andei três dias atormentado de inquietação, até que compreendi a sua causa. E também na rua me sentia mal (este não está, aquele não está, onde se meteu aqueloutro?). E também em casa me sentia como uma alma penada. Andei duas noites a tentar perceber: o que é que me falta aqui no meu canto? Por que razão me sinto incomodado ao permanecer nele? E olhava com perplexidade as minhas paredes verdes cobertas de fuligem; o teto, a teia de aranha pendurada, que Matriona cultivava com grande sucesso, olhava toda a minha mobília, examinava cada cadeira, pensando: não estará aqui a causa do mal? (porque, para mim, basta que uma cadeira não esteja como na véspera para me sentir mal), olhava pela janela e tudo em vão... Não me sentia nada melhor! Tive até a ideia de chamar Matriona e preguei-lhe logo ali um paternal sermão a propósito da teia de aranha e em geral do desmazelo; mas ela limitou-se a olhar para mim com espanto e afastou-se sem responder nem uma palavra, de modo que a teia lá continua ainda agora muito bem pendurada no mesmo lugar. Só hoje de manhã adivinhei finalmente qual era o problema. Eh! Eles estão a fugir de mim para as *datchas*! Desculpem-me esta expressão trivial, mas eu não estava com disposição para o estilo elevado... Porque tudo o que havia em Petersburgo se mudara ou estava a mudar-se para as *datchas*; porque qualquer senhor de aparência respeitável, que alugava uma carruagem diante dos meus olhos, transformava-se de imediato num respeitável pai de família, que, depois das ocupações normais do empre-

go, partia à ligeira para o seio da família, na *datcha*; porque cada transeunte já tinha agora um aspeto completamente diferente, que por pouco não dizia a cada pessoa que encontrava: «Nós, meus senhores, estamos aqui quase por acaso, de passagem, e dentro de duas horas vamos para a *datcha*.» Abria-se uma janela, na qual tamborilavam primeiro uns dedinhos finos, brancos como açúcar, e assomava depois a cabecinha de uma bonita jovem a chamar um estafeta com vasos de flores — e logo eu, ali mesmo, ficava a imaginar que compravam aquelas flores não para com elas se deliciarem na primavera, no apartamento sufocante da cidade, mas que muito em breve todos se iriam mudar para a *datcha* e levariam consigo as flores. Além disso, eu tinha feito tais progressos nesta minha especial classe de descobertas, que já era capaz de indicar sem erro em que *datcha* vivia cada qual. Os moradores das ilhas Kámeni ou Aptekarski ou os da estrada de Petergof distinguem-se pela estudada elegância dos modos, pelo janotismo dos fatos de verão e pelas excelentes equipagens em que chegavam à cidade. Os habitantes de Pargolovo e mais para lá, à primeira vista, «impressionavam» pelo seu bom senso e pela sua seriedade; os visitantes da ilha Krestóvski distinguem-se pelo seu ar alegremente impassível. Se me acontecia encontrar uma longa procissão de carroceiros que caminhavam com indolência de rédeas nas mãos ao lado das carroças carregadas com montões de móveis de todo o género, mesas, cadeiras, divãs turcos e não turcos, e outros trastes domésticos, sobre os quais ia ainda por cima, sentada no alto da carroça, uma cozinheira macilenta, a proteger os pertences do patrão como as meninas dos seus olhos; se olhava para um barco pesadamente carregado de utensílios domésticos, a deslizar pelo Neva ou pelo Fontanka, até ao ribeiro Negro, ou até às ilhas — as carroças e os barcos multiplicavam-se por dez e por cem diante dos meus olhos; parecia-me que tudo se levantava e se punha a caminho, que tudo se mudava em caravanas inteiras para as *datchas*, parecia-me que toda a Petersburgo ameaçava trans-

formar-se num deserto, de tal modo que por fim me senti envergonhado, ofendido e triste: eu não tinha absolutamente nenhum lugar e nenhum motivo para ir para a *datcha*. Estava disposto a ir com cada carroça, a partir com cada senhor de aspeto respeitável que alugava uma carroça; mas nenhum deles, absolutamente ninguém, me convidou; como se se tivessem esquecido de mim, como se para eles eu fosse realmente um estranho!

Caminhei muito e durante muito tempo, de modo que até consegui, segundo o meu hábito, esquecer-me de onde estava, quando de repente dei comigo no limite da cidade. Num instante senti-me alegre e caminhei até para lá da barreira, passei pelos campos semeados e pelos prados; não sentia cansaço, apenas sentia com todo o meu corpo que um qualquer peso me caía da alma. Todos os viandantes que passavam por mim me olhavam tão amavelmente que na verdade quase me faziam vénias; estavam todos tão alegres por qualquer motivo, e todos eles iam a fumar charutos. Eu também estava alegre como nunca antes me tinha acontecido. Era como se de repente desse por mim em Itália — de tal modo a natureza me surpreendia, um cidadão meio doente, que por pouco não asfixiava entre os muros da cidade.

Há qualquer coisa de inexplicavelmente tocante na nossa natureza de Petersburgo quando, no início da primavera, ela manifesta de repente todo o seu vigor, todas as forças que o céu lhe concedeu, cobre-se, atavia-se, fantasia-se de flores... Como que me faz lembrar uma rapariga definhada, enferma, para a qual olhamos por vezes com pena, outras vezes com uma espécie de amor compassivo. Outras vezes ainda simplesmente não reparamos nela, mas que de repente se torna indizivelmente, maravilhosamente bela, e nós, pasmados, enlevados, nos perguntamos involuntariamente: que força fez com que aqueles olhos tristes, meditabundos, brilhassem com aquele ardor? O que fez subir o sangue àquelas faces pálidas e macilentas? O que inundou de paixão aqueles suaves traços do